



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS V – MINISTRO ALCIDES CARNEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E SOCIAIS APLICADAS
CURSO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS**

RACHEL EMANUELLE LIMA LIRA FARIAS DE MELO

**AS GUERRILHEIRAS CURDAS DO *PESHMERGA* E O COMBATE AO ESTADO
ISLÂMICO**

**JOÃO PESSOA
2018**

RACHEL EMANUELLE LIMA LIRA FARIAS DE MELO

**AS GUERRILHEIRAS CURDAS DO *PESHMERGA* E O COMBATE AO ESTADO
ISLÂMICO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Graduação da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais.

Área de concentração: Relações Internacionais.

Orientador: Prof. Dr. Ana Paula Maielo Silva.

**JOÃO PESSOA
2018**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

M528g Melo, Rachel Emanuelle Lima Lira Farias de.
As guerrilheiras curdas do *Peshmerga* e o combate ao Estado Islâmico [manuscrito] : / Rachel Emanuelle Lima Lira Farias de Melo. - 2018.

34 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Relações Internacionais) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e Sociais Aplicadas, 2018.

"Orientação : Prof. Dr. Ana Paula Maielo Silva, Coordenação do Curso de Relações Internacionais - CCBSA."

1. Curdistão do Iraque. 2. Guerrilheiras curdas. 3. Peshmerga. 4. Estado Islâmico.

21. ed. CDD 327.16

RACHEL EMANUELLE LIMA LIRA FARIAS DE MELO

AS GUERRILHEIRAS CURDAS DO *PESHMERGA* E O COMBATE AO ESTADO ISLÂMICO

Monografia apresentada ao Curso de Relações Internacionais da Universidade Estadual da Paraíba.

Aprovado(a) em 19 / 06 / 2018.

Ana Paula Maielo Silva

Ana Paula Maielo Silva/UEPB
Orientador(a)

Giuliana Dias Vieira

Giuliana Dias Vieira/UEPB
Examinador(a)

Gabriela Gonçalves Barbosa

Gabriela Gonçalves Barbosa/UFPE
Examinador(a)

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos os professores que participaram da minha jornada acadêmica e contribuíram para a minha formação profissional, intelectual e pessoal. Especialmente a professora Ana Paula, minha orientadora, por seu empenho e seu companheirismo dentro e fora da universidade.

A minha turma da “mau caratice”, obrigada por serem os melhores em todos os momentos e por dividirem comigo os últimos quatro anos da minha vida. Com carinho especial a Monique, por ter sido minha dupla eterna nos trabalhos, nas idas e vindas dos ônibus, nas viagens internacionais para fins de balançar os ombrinhos. ¡Hola, senõr! ¿Qué tal, como estas?

À Mayara, por todos os momentos que já vivemos e pelas aventuras que ainda estão por vir. À Patrícia, a pessoa de Deus para mim, você mudou minha vida de uma forma inimaginável e, por isso, serei eternamente grata. Migas, quero a plenitude de ter vocês comigo para sempre, porque é impossível pensar minha vida sem a presença das duas. Amo vocês!

Ao meu pai e a minha mãe por todo carinho, esforço, apoio e dedicação em todos os anos da minha vida. Vocês são os melhores pais desse mundo e eu tenho sorte de ser filha de um casal tão maravilhoso. A minha família, obrigada pela compreensão por todas as minhas ausências nas reuniões familiares. Apesar de longe, vocês sempre estão na minha mente e no meu coração.

Por fim, agradeço a Deus. Por ter sido meu refúgio e minha fortaleza nos momentos de tribulação. Que a tua presença seja sempre comigo, Senhor!

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	07
2	A ORIGEM E FORMAÇÃO DO CURDISTÃO	09
3	O CURDISTÃO DO IRAQUE	18
4	AS GUERRILHEIRAS CURDAS DO <i>PESHMERGA</i>	24
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	30
	REFERÊNCIAS	32

AS GUERRILHEIRAS CURDAS DO *PESHMERGA* E O COMBATE AO ESTADO ISLÂMICO

Rachel Emanuelle Lima Lira Farias de Melo¹

RESUMO

A participação das mulheres como guerrilheiras no exército curdo iraquiano, denominado *Peshmerga*, foi intensificada devido ao conflito contra o Estado Islâmico. Como a estrutura social que permeia a sociedade curda é patriarcal, o ingresso de mulheres no setor militar, anterior a essa conjuntura, não era amplamente aceito. Com a luta ao EI, houve uma maior aceitação por parte da população, visto o caráter cultural e social da guerra. Desse modo, o presente trabalho tem por objetivo analisar a atuação das guerrilheiras curdas do *Peshmerga*, no contexto do combate ao EI, dentro da sociedade curda iraquiana. A partir disso, os objetivos específicos visam, primeiramente, (i) explicar o que é o Curdistão, remontando a história e a formação identitária do povo curdo; para posteriormente, (ii) adentrar no caso específico do Curdistão do Iraque, posto que é nessa região onde as guerrilheiras curdas do *Peshmerga* estão inseridas; e, por fim, (iii) analisar a inserção das mulheres no exército curdo iraquiano, fato que vem contribuindo para a desconstrução dos estereótipos de gênero na medida em que elas se tornam agentes ativos no conflito. Assim, a pesquisa é exploratória, realizada através de uma revisão bibliográfica limitada, visto a escassez de pesquisas nesta área, e de uma abordagem metodológica qualitativa. Com isso, foi possível realizar um breve estudo sobre a participação das guerrilheiras curdas dentro do conflito contra o Estado Islâmico.

Palavras-Chave: Curdistão do Iraque. Guerrilheiras curdas. *Peshmerga*. Estado Islâmico.

1 INTRODUÇÃO

As guerrilheiras curdas do *Peshmerga* ganharam visibilidade devido a sua participação no conflito contra o Estado Islâmico, no território do Curdistão do Iraque. Com o surgimento do grupo terrorista no Oriente Médio, mais precisamente nas regiões que englobam o Curdistão da Síria e do Iraque, as populações locais passaram a sofrer com seus constantes ataques e investidas em razão do desejo de expansão territorial do califado (NUNES, 2015). Não obstante, a parcela populacional feminina foi a que mais sentiu os impactos dessas ações, pois, observou-se a crescente captura de mulheres e meninas curdas com a finalidade de vendê-las no mercado como escravas sexuais ou para a prática de estupro coletivo (SILVA *et*

¹ Aluna de Graduação em Relações Internacionais na Universidade Estadual da Paraíba – Campus V.
Email: rachel.emanuelle@gmail.com

al, 2017). Ou seja, os *jihadistas* islâmicos utilizavam o estupro como arma de guerra, afim de atingir a parte da população considerada a mais “vulnerável” (NASCIMENTO, 2017).

A partir desse contexto, houve o aumento no ingresso de mulheres dentro da divisão militar curda como forma de combater o inimigo e evitar que mais ações como essa fossem praticadas contra outras mulheres e meninas. Além do objetivo de proteção da população, as guerrilheiras curdas do *Peshmerga* também participavam ativamente na defesa do seu território, posto que a região do Curdistão do Iraque é rica em petróleo, e o EI utiliza a exploração dessa matéria prima como forma de financiar o grupo (NUNES, 2015). Em contraposição aos guerrilheiros curdos que utilizavam estratégias ligadas a táticas físicas, as guerrilheiras curdas empregavam táticas voltadas a inteligência e planejamento em seus ataques ao grupo terrorista (SILVA *et al*, 2017).

Para além disso, existia o fato de que os *jihadistas* islâmicos temiam a morte em batalha pelas mãos de uma mulher, pois, devido a uma interpretação do Islã que era disseminada para os membros do EI, se esse fato acontecesse estes estariam banidos de entrar no paraíso prometido a todos os que morrem em favor da causa (SILVA *et al*, 2017). Nesse sentido, a atuação das guerrilheiras curdas no *front* da guerra passou a ser utilizada como uma estratégia para derrotar o inimigo e, visto o caráter social e cultural que o conflito representava para os curdos, mesmo diante de uma sociedade patriarcalista passou-se a ter o incentivo para que mais mulheres adentrassem no campo militar (GORMAN, 2017).

É importante salientar que, mesmo com a estrutura patriarcalista, o grupo militar dos *Peshmergas* sempre incentivaram a igualdade de gênero dentro da instituição. Com isso, as mulheres ganharam a oportunidade de lutar, não apenas contra o EI, mas também em favor dos seus direitos na sociedade curda iraquiana. Ademais, através da participação como agentes ativos do conflito, foi possível observar uma desconstrução dos estereótipos de gênero que classificam as mulheres como “sexo frágil” ou que enxergam as mulheres como a porção “vulnerável” dentro de um conflito dessa magnitude (NASCIMENTO, 2017).

Não obstante, para que seja possível compreender como se estabeleceu a sociedade curda de maneira geral, e a sociedade do Curdistão do Iraque especificamente, faz-se necessário primeiramente uma explicação sobre o que é o Curdistão e como ocorreu a formação cultural, social e identitária povo curdo. Assim, a seção inicial tem por objetivo fazer um aporte histórico sobre a origem e formação do Curdistão, para que seja possível entender como a etnia curda se fixou nesta região do Oriente Médio. E, visto estes serem a maior etnia sem pátria do mundo, compreender os motivos que impediram o Curdistão de se

tornar um Estado de fato. Pois, o que se denomina hoje como Curdistão, faz alusão apenas ao território onde existe maioria étnica curda, não representando uma entidade política.

Posteriormente, a segunda seção irá adentrar especificamente no Curdistão do Iraque visto que é nessa região onde estão inseridas as guerrilheiras curdas do *Peshmerga*. Para além disso, também se observa o fato do Curdistão iraquiano ser diferente dos demais, posto que este é o único caso dentre todas as regiões curdas em que a autonomia em relação ao governo central foi mantida ao longo dos anos. Na medida em que o Curdistão abrange os territórios da Síria, Turquia, Iraque, Irã e, em menor proporção, Azerbaijão e Arménia. Assim, mesmo inserido dentro do Estado do Iraque, o Curdistão iraquiano detém autonomia e controle sobre o seu território.

A análise central da pesquisa, qual seja, a participação das guerrilheiras curdas do *Peshmerga*, no contexto do combate ao Estado Islâmico, dentro da sociedade curda iraquiana será abordada na última seção. Como é um tema pouco estudado dentro das Relações Internacionais e, devido ao caráter bibliográfico da pesquisa realizada, não foi possível aprofundar demasiadamente sobre como as guerrilheiras curdas estão mudando a sociedade na qual estão inseridas. Porém, foi possível observar que a participação das guerrilheiras curdas no exército iraquiano vem surtindo efeitos positivos no tocante a desconstrução dos estereótipos de gênero que permeiam a sociedade e que relacionam assuntos ligados ao Estado, segurança e guerra apenas a figura masculina (MONTE, 2010).

Ademais ao levantamento bibliográfico como embasamento para a pesquisa, é utilizada também a teoria feminista construtivista como forma de analisar o caso específico das guerrilheiras curdas do *Peshmerga*. Desse modo, a pesquisa tem ainda o caráter exploratório, realizado por meio de uma abordagem qualitativa, afim de estudar a atuação das guerrilheiras curdas iraquianas, inseridas na sociedade do Curdistão Iraquiano, no contexto de combate ao EI.

2 A ORIGEM E FORMAÇÃO DO CURDISTÃO

O Curdistão é uma região montanhosa que está localizada no Oriente Médio e compreende diversos países como o Irã, o Iraque, a Síria, a Turquia e os países que pertenciam a antiga União Soviética, Arménia e Azerbaijão. De acordo com a Enciclopédia Islâmica, “all territories where the Kurdish people have resided and continue to reside until

the present time are called Kurdistan”² (MELLA, 2005, p. 21 *apud* PEIXINHO, 2010, p. 4). Dessa forma, o termo Curdistão aplica-se ao território ocupado pelos curdos, não representando um país de fato. Através do mapa apresentado abaixo é possível identificar onde essa região está localizada no Oriente Médio.

Figura 1 – Mapa da região do Curdistão



Fonte: DREAMSTIME (2017) *apud* NASCIMENTO (2017). Traduzido e adaptado pela autora

Afim de esclarecer, “o Curdistão não é uma entidade política definida, nem um Estado, mas uma área aproximada de 191.600 km² que atravessa as fronteiras de vários países” (STANSFIELD, 2003 *apud* NASCIMENTO, 2017, p. 7). Determinar o número exato de curdos que habitam a região é inviável, como mostra Nascimento (2017), devido ao fato dos países do Oriente Médio não contabilizarem fielmente o contingente populacional desse povo. Apesar disso, estima-se que ultrapassa a casa dos 36 milhões de pessoas com 12-15 milhões na Turquia, 6.5 milhões no Irã, 4-4.5 milhões no Iraque, 1 milhão na Síria e 200 mil nos países da antiga União Soviética, Armênia e Azerbaijão (GUNTER, 2011, p. 3-4 *apud*

² Todo os territórios onde o povo curdo residiu e continuam residindo até o momento atual são chamados de Curdistão (Tradução Livre).

NASCIMENTO, 2017, p. 40). A partir desses dados, pode-se afirmar que os curdos representam, hoje, a maior etnia sem pátria do mundo e compõem o quarto maior grupo étnico do Oriente Médio, com os árabes, persas e turcos nas primeiras colocações (STOKES, 2009, p. 380 *apud* NASCIMENTO, 2017, p. 40).

Após essa breve exposição do que é o Curdistão, esta seção irá se dedicar à explanação da história do povo curdo e de sua formação. Pois, a maneira como a sociedade curda está estruturada nos dias atuais remonta a diversos acontecimentos que foram responsáveis por moldar e influenciar a construção cultural, social e identitária dos curdos. Essa compreensão basilar, por sua vez, se faz necessária para que, posteriormente, seja possível realizar uma análise mais específica acerca do Curdistão no Iraque, onde estão inseridas as guerrilheiras curdas do *Peshmerga*, objeto central da pesquisa em questão.

Com respaldo na divisão temporal feita por Peixinho (2010), a narrativa histórica da formação do povo curdo será feita em cinco fases: Antiguidade (3000 a.C. a 400 a.C.), Período Clássico (500 a.C. a 600), Período Medieval (500 a 1500), Período Moderno (1497 a 1918) e Atualidade. A Antiguidade, dessa forma, traz a tarefa de identificar as origens do povo curdo e como os mesmos passaram a habitar a região em que hoje estão estabelecidos. Apesar de não haver um consenso sobre a sua ancestralidade ou como este povo se fixou na região referenciada, é aceito que as primeiras menções aos curdos apareceram por volta de 2000 a.C. através de escrituras sumérias (LEWIS, 2008, p. 10) e de inscrições assírias, do século XII a.C. (YASSIN, 1995, p. 33).

Durante o período da Antiguidade, os curdos receberam influência de alguns povos que passaram pela região. A maior delas proveio dos hurritas, que migraram para o território montanhoso por volta do ano 4.300 a.C. e foram responsáveis pela homogeneização linguística do Curdistão. Esse fato acabou contribuindo para uma unificação entre as comunidades curdas, e ao proporcionar uma assimilação cultural e étnica, resultou na formação de uma identidade curda. Outras contribuições dos hurritas englobaram áreas como a religião, mitologia e artes marciais, o que só comprova o enorme legado que esse povo deixou para a cultura dos curdos (PEIXINHO, 2010, p. 9).

Algum tempo depois, já no ano de 1.200 a.C., tribos irânicas começaram a ocupar a região, a exemplo dos Medos, Persas, Citas (ROAF, 1990 *apud* PEIXINHO, 2010, p. 10). Entre todas estas, a tribo dos Medos foi a mais significativa para a formação cultural dos curdos, motivo pelo qual muitos os consideram como sendo seus ancestrais dentro da sociedade curda atual (HOOKS, 1996, p. 12). Para além disso, os Medos foram responsáveis pela unificação da população curda contra as investidas do Império Assírio, com a utilização

de técnicas de defesa que ajudaram a formar a base da atuação dos *Peshmergas*³ atuais que lutam contra o Estado Islâmico, na região do Curdistão iraquiano. A técnica em questão era a guerrilha⁴ que, de acordo com Visacro (2009, p. 260), é uma tática de guerra que tem como elemento principal a surpresa e a rapidez nos seus ataques, como forma de atingir o adversário nos pontos fracos. Para ser empregada é necessário um conhecimento aprimorado do território, além do consentimento da população local.

Após a influência dos hurritas e dos Medos na formação identitária dos curdos, nenhum outro povo foi capaz de alterar demasiadamente a cultura curda estabelecida na Antiguidade, apesar de muitos outros povos terem migrado pela região onde habitam os curdos (PEIXINHO, 2010, p. 11). Passados esses acontecimentos, começa então o período Clássico, no qual é observada a consolidação da identidade nacional curda, devido a homogeneização que foi promovida no período anterior. Apenas neste momento, como ainda explica Peixinho (2010), é que o termo “kurd” passa a ser utilizado para denominar a nação como um todo.

O período Medieval, posteriormente, marca a ascensão do povo curdo visto que os impérios que constrangiam seu crescimento acabam por entrar em declínio, a citar Persa, Bizantino e Sassânida. Posto isso, os séculos VII, VIII e IX marcaram o ressurgimento de autonomia curda na história, na medida em que detiveram espaço para se desenvolverem politicamente (PEIXINHO, 2010). Nesse sentido, estabelecem grandes dinastias e estenderam sua área de influência política a Ásia Central, Líbia e Iémen. Não obstante, a autora também destaca o florescimento da filosofia, música, arquitetura, matemática, e principalmente, da religião. Ainda, ressalta o fato de que foi a religião e o advento do Islão no século VII que fizeram o Curdistão “emergir da obscuridade em que estava mergulhado” (PEIXINHO, 2010, p. 14).

Ao final do período Medieval, após as invasões dos Seljúcidas, Mongóis e Timúridas, os curdos ficaram em situação desfavorável dado a devastação deixada para trás nos territórios onde habitavam, principalmente pelo Império Timúrida. Por esse motivo, as tribos curdas acabaram por apoiar os governos locais Persa, Turco ou Árabe como forma de se defenderem de invasões externas, assim, mantendo-se submissos. Além disso, por haver

³ O termo Peshmerga se traduz como “aqueles que enfrentam a morte” e é utilizado para identificar os combatentes do exército curdo iraquiano que lutam pela defesa do seu território, sejam esses homens ou mulheres (SILVA *et al.*, 2017).

⁴ O surgimento do povo curdo aconteceu em uma região predominantemente montanhosa e, com as sucessivas invasões ao seu território, foi adotado uma técnica de guerrilha como estratégia de defesa. Tal técnica é empregada até os dias atuais dentro do exército curdo para o combate contra o Estado Islâmico. Desse processo foi cunhado um provérbio o qual aponta para o fato dos curdos não terem amigos, apenas terem as montanhas (GUNTER, 2011, p. 2 *apud* NASCIMENTO, 2017, p. 42).

conflitos internos entre as tribos, a obtenção da independência se tornou ainda mais difícil (McDOWALL, 2004).

Com o período Moderno, por sua vez, houve a ascensão dos Impérios Persa e Otomano na região do Oriente Médio, o que levou o Curdistão a viver seu período de maior declínio na história. Em grande medida devido ao isolacionismo econômico que sofreu com a descoberta, por parte do navegador português Bartolomeu Dias, de uma nova rota comercial, o Cabo da Boa Esperança, que desviou as atenções para outras localidades (HOOKS, 1996, p. 13). Outra questão foi a divisão territorial do Oriente Médio entre os impérios, pois, ambos almejavam um forte controle da região. Como consequência disso, Hooks (1996) aponta a insurgência de inúmeras revoltas curdas com o propósito de retomar a autonomia perdida, porém, todas foram sufocadas pelas forças imperiais, por vezes persas, por outras otomanas. Esses fatores contribuíram para que ao final do século XIX o Curdistão se tornasse a “mais devastada e atrasada sociedade do Médio Oriente” (PEIXINHO, 2010, p. 17).

Entretanto, uma peculiaridade desse povo é que mesmo subjugados a impérios que buscavam pelo controle da região, estes conseguiram manter sua língua e linhagem praticamente intactos ao longo dos séculos. Como esclarece Lewis (2008, p. 14), “what sets the Kurds apart from many of the other people conquered by these empires is that the Kurds were never actually conquered; they were simply included within the boundaries of there empires”⁵. Assim, apesar de nunca terem atingido sua independência, os curdos mantiveram uma identidade própria, fato que os distingue de outras etnias que habitavam a região do Oriente Médio.

A partir dessa compreensão histórica sobre a origem e formação do povo curdo, pode-se então adentrar aos eventos que moldaram a atual conjuntura do Curdistão. A começar no pós-I Guerra Mundial, com as invasões europeias ao Oriente Médio. Visto que durante esse período os territórios, que antes pertenciam ao Império Otomano, foram divididos conforme os interesses políticos europeus, especialmente dos britânicos e dos franceses. Em consequência, não foram respeitados os anseios das diversas etnias da região por independência. Pois, como resume Lewis (2008, p. 21), “the victorious Western allies did not create these states with all the newly emancipated peoples and nations in mind; they had their own economic and imperialistic ideas”⁶. Assim, como explicita Nascimento (2017, p. 45), os

⁵ O que diferencia os curdos de muitos dos outros povos conquistados por esses impérios é que os curdos nunca foram realmente conquistados; eles foram simplesmente incluídos dentro dos limites de impérios (Tradução Livre).

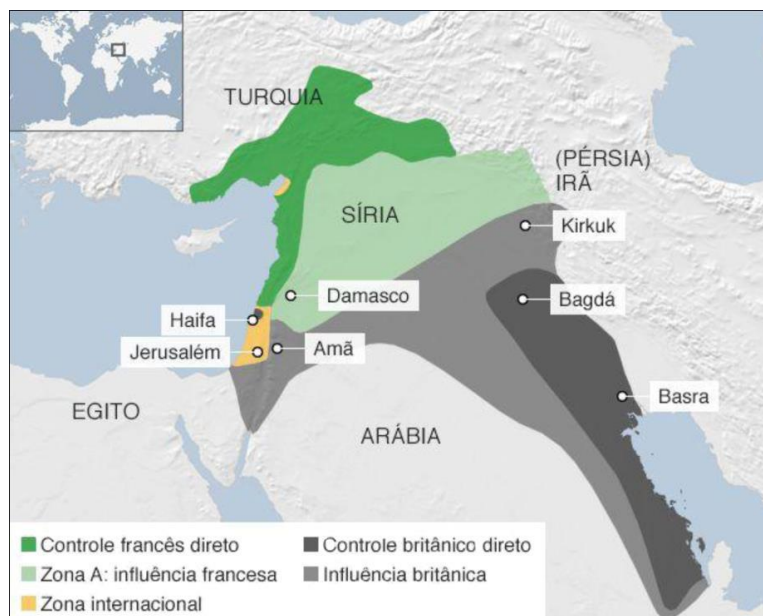
⁶ Os vitoriosos aliados ocidentais não criaram esses estados com todos os povos e nações recém-emancipados em mente; eles tinham suas próprias ideias econômicas e imperialistas (Tradução Livre).

Estados artificiais⁷ foram criados, com as únicas exceções sendo a Turquia e o Irã, visto que não foram estabelecidos artificialmente.

Para além disso, a fim de garantir a estabilidade e influência dos recém-criados países, as potências europeias “observaram que se apoiassem determinados grupos no Oriente Médio, receberiam um retorno positivo porque iriam conseguir se firmar no território para explorar recursos, sobretudo petróleo” (NASCIMENTO, 2017, p. 44). Porém, os desdobramentos das incursões europeias na região demonstram que apesar dos esforços imperialistas em manter o equilíbrio da região, na prática essa visão não foi sustentada, dado que os diferentes grupos étnicos se desagradaram do arranjo estabelecido, pois, ficaram no mesmo país que outras etnias rivais.

O acordo que estipulou a repartição do Oriente Médio foi o Acordo de Sykes-Picot de 1919, o qual colocou a região sob zonas de influência britânica e francesa, como é possível observar na figura 2 abaixo. Assim, os britânicos ficariam com as regiões do Iraque, Jordão, Israel e uma parte da Arábia Saudita. Enquanto que os franceses teriam o domínio da Síria, Líbano e uma parte da Turquia. E como destaca Lewis (2008), esse acordo não fez menção alguma ao povo curdo que habitava a região.

Figura 2 – Acordo de Sykes-Picot



Fonte: BBC (2016) *apud* NASCIMENTO (2017). Adaptado pela autora.

⁷ Os Estados artificiais recebem essa denominação pois foram criados a partir da autorização dos países europeus, para fins econômicos específicos.

Apesar disso, a divisão apenas é estabelecida de fato com a Conferência de São Remo em 1920. Porém, é importante salientar duas alterações feitas no acordo em questão antes da resolução final. A primeira é referente à remoção da Turquia da zona de influência francesa e a segunda é a redesignação da área internacional que passa a ser incorporada ao controle da Palestina (LEWIS, 2008).

Neste mesmo ano também foi elaborado o Tratado de Sèvres que trouxe menção à área de predominância étnica curda, denominada Curdistão. O documento previa que as minorias étnicas da região deveriam receber autonomia, com os artigos 62 e 64 abordando especificamente a independência do Curdistão. Entretanto, o tratado não foi efetivado devido a oposição turca que almejava manter seu território intacto (NASCIMENTO, 2017, p. 45). Após três anos, houve uma mudança no governo da Turquia, e os novos governantes mostraram-se insatisfeitos com a delimitação fronteiriça estipulada pela Conferência de São Remo. Com isso, o Tratado de Lausanne foi proposto, no ano de 1923, o qual demarcou o território atual da Turquia. É importante ressaltar que o Curdistão e os curdos não foram mencionados desse tratado (HOOKS, 1996, p. 16).

Dentro desse contexto surge o movimento nacionalista curdo, que buscava pela independência curda em relação aos seus respectivos governos centrais da Turquia, Irã, Iraque e Síria⁸. Na medida em que o Oriente Médio estava se reorganizando após a I Guerra Mundial, esse mostrou-se o momento mais propício para tais reivindicações. Tal foi a importância que Hooks (1996) salienta para o fato desse ter sido o mais próximo que os curdos conseguiram chegar de alcançar a sua unificação e independência. Porém, o objetivo almejado não foi alcançado e Lewis (2008) chama atenção para alguns fatores que impediram os curdos de se tornarem independentes durante esse período, assim como ao longo da história.

Os fatores contemplados por aquele autor são: a liderança individual, o nível de Estado/nação e o sistema internacional. À princípio, o Curdistão nunca teve um líder proeminente que tivesse o poder de unificar as tribos, pois a sociedade curda era estruturada em um sistema tribal, apenas com líderes locais. Dessa forma, chegado o momento de reivindicar pela independência para a Liga das Nações, quando os tratados de divisão territorial do Oriente Médio estavam sendo formulados, os curdos não detiveram força política para se fazerem ouvidos (LEWIS, 2008).

⁸ Não há menção de um movimento nacionalista nas partes do Curdistão que se encontram no Azerbaijão e na Armênia.

Com relação ao nível de Estado/nação, para explicar a ausência de unidade, Lewis (2008) cita três componentes: língua, política e divisão do Curdistão entre os países do Oriente Médio. O primeiro remete a diversidade de dialetos que existe dentro da sociedade curda, apesar do Kurmanji e do Sorâni serem os principais. Dessa forma, a comunicação entre os curdos é dificultada visto que eles falam dialetos diferentes. É importante salientar também para a opressão linguística sofrida pelos curdos, que os impedem de estabelecer uma unidade linguística, pois, a fala e o ensino da língua eram proibidos. Essa foi uma forma clara de controle e dominação adotada pela Turquia, Iraque, Irã e Síria “para manter a unidade de seus países e suprimir a presença curda neles” (NASCIMENTO, 2017, p. 45). Visto que, sem uma unidade linguística fica mais difícil para o povo curdo se unir como uma nação (NASCIMENTO, 2017, p. 40). Como explicita Öcalan (2008, p. 20-1), “língua e cultura são vetores de possível resistência, o que pode ser evitado por meio de assimilação. A proibição da língua nativa e a aplicação forçada de uma língua estrangeira têm se provado armas altamente eficazes”. Nesse sentido, o ensino do idioma entre os curdos se torna um meio de subversão as políticas opressivas dos governos centrais.

O segundo componente refere-se a política e está relacionado a diversidade de partidos políticos existentes na sociedade curda, cada qual com suas próprias reivindicações. O que acaba gerando disputas e embates internos, distraindo-os do real foco que é a busca pela independência. Não obstante, na medida em que o território ocupado pelos curdos transpassa a fronteira de vários países, a obtenção da independência se torna um problema de nível internacional. Dado que “the Kurds are not fighting for independence from one state; they are struggling to break free of established regional states”⁹ (LEWIS, 2008, p. 17). O que recai sobre último fator de análise apontado por Lewis (2008), o sistema internacional, pois para solucionar esse problema é necessário mais do que uma simples reconfiguração territorial do Oriente Médio.

Dentro desse contexto, Nascimento (2017, p. 39) traz a percepção de fatores ligados à geopolítica da região como forma de explicar o porquê do Curdistão ainda não ter conquistado a sua independência. Assim, em virtude do território atualmente ocupado pelos curdos ter uma boa posição estratégica dentro do Oriente Médio, além da abundância de riquezas naturais, seria desvantajoso para os países darem a independência aos curdos. Pois ao fazerem isto estariam perdendo o acesso a vários recursos, como água e petróleo, e ainda estariam criando uma possível ameaça econômica na região.

⁹ Os curdos não estão lutando pela independência de um estado; eles estão lutando para se libertar de estados regionais estabelecidos (Tradução Livre).

Com todos esses fatores supracitados que impedem o Curdistão de se tornar um país de fato, é importante destacar também a questão da religião. Em razão dos curdos serem de maioria islâmica sunita, com 75% da população, seguindo ainda uma estrutura social patriarcal. Conforme Yassin (1995, p. 35),

From a cultural point of view, Islam has in a sense been an unfavourable factor in the development of a Kurdish national identity, since the central governments in Turkey, Iran, Iraq and Syria recognize Islam as the official state religion. Thus, it has been more difficult for the Kurds to highlight the distinct Kurdish identity¹⁰.

Dessa forma, a religião é um ponto de unificação entre os curdos e os países cujos territórios estes ocupam. E assim sendo, oferece mais um obstáculo para a independência do Curdistão, visto que, não é possível diferenciá-los de turcos ou sírios ou iraquianos com base na religião (LEWIS, 2008).

A outra porcentagem da população que não segue o Islã, se divide entre o alevismo, yazidismo e yarsanismo, que são correntes de um mesmo culto chamado Culto dos Anjos (HOOKS, 1996, p. 11). Dentre esses, o grupo com maior expressividade no Curdistão são os Yazidis (YASSIN, 1995, p. 35), e estão localizados nas montanhas de Sinjar no Curdistão iraquiano (ALLISON, 2001, p. 5). Esse grupo, apesar de também ser monoteísta, acredita na figura de um anjo pavão Tamusi Malak, que teria sido criado por Deus. Devido a essa particularidade, os Yazidis acabaram sendo mal compreendidos pelos outros grupos religiosos da região, o que resultou na perseguição, em grande parte, pelos islâmicos já que estes entendiam o culto ao anjo pavão como adoração ao diabo (BUARQUE, 2016, p. 46).

Ademais, com o surgimento do Estado Islâmico na região que engloba parte do território do Curdistão iraquiano, a perseguição desse grupo religioso se torna mais intensa. O fato dos Yazidis não terem um livro sagrado, por exemplo, impede que os mesmos tenham a chance de negociarem com o EI, na medida em que, o grupo fundamentalista islâmico oferece a oportunidade para seguidores de outras religiões como o Cristianismo e o Judaísmo de pagarem para não serem mortos (BUARQUE, 2016, p. 45). Atrelado a isso, existe ainda a questão de que para se tornar integrante do grupo é preciso nascer na religião, não sendo possível a conversão. Dessa forma, com as inúmeras perseguições e massacres, os Yazidis

¹⁰ De um ponto de vista cultural, o Islã, de certo modo, tem sido um fator desfavorável no desenvolvimento de uma identidade nacional curda, já que os governos centrais da Turquia, Irã, Iraque e Síria reconhecem o Islã como a religião oficial do Estado. Assim, tem sido mais difícil para os curdos destacar a identidade curda distinta (Tradução Livre).

correm o risco de perderem seus ensinamentos dado que este é transmitido na forma oral (NASCIMENTO, 2017).

Em suma, o Curdistão é caracterizado como sendo todo aquele território no qual ocupam uma maioria étnica curda, não representando um país ou entidade política. Após séculos de subjugação por impérios que governaram a região do Oriente Médio, os curdos estão hoje subjugados aos atuais governos centrais da Turquia, Síria, Irã, Iraque, Azerbaijão e Armênia. Assim, para conseguirem a independência os curdos teriam que reivindicar uma porção do território de cada um desses países, o que torna o objetivo ainda mais improvável de ser alcançado. Não obstante, existe o caso específico do Curdistão do Iraque que, apesar de não ser independente, detém grande autonomia em relação ao governo central iraquiano. O capítulo seguinte irá abordar exatamente as particularidades desse caso, e introduzir a luta dos curdos iraquianos contra as ameaças do Estado Islâmico em seu território.

3 O CURDISTÃO DO IRAQUE

O fato do Curdistão estar inserido em diversos países do Oriente Médio torna inviável, para os objetivos desse trabalho, estudar todas as suas partes, pois, cada região curda tem suas próprias particularidades e suas próprias reivindicações. Assim sendo, essa seção analisará o caso específico do Curdistão do Iraque, também denominado Curdistão do Sul, visto que esse representa o lugar de onde provém os *Peshmergas*, grupo militar no qual estão inseridas as guerrilheiras curdas iraquianas.

No período posterior a I Guerra Mundial, a região do atual Iraque era protetorado britânico e apenas foi estabelecida como Estado no ano de 1921¹¹. Para governar o recém-criado Estado, foi apontado o Rei Faisal (HOOKS, 1996) que assumiu o governo de um país com grande instabilidade interna, devido a sua formação artificial. Nesse sentido, não havia uma identidade nacional iraquiana, muito menos um sentimento de pertencimento entre a população, pois estes eram formados por grupos étnicos distintos que estavam unidos em um mesmo território, a exemplo dos árabes e curdos (HOOKS, 1996). Aliado a isso, a colocação de um governante que não possuía legitimidade para governar, intensificou ainda mais a instabilidade na região. Para remediar a situação e evitar a insurgência de revoltas contra o governo central, os britânicos adotaram uma nova estratégia.

¹¹ Mesmo com o estabelecimento do Estado do Iraque, os britânicos ainda eram os mandatários da região e, com isso, detinham todo o controle político para si. A independência foi alcançada apenas no ano de 1932, quando o Iraque passou a ser um Estado de fato (ROMANO, 2006, p. 188 *apud* NASCIMENTO, 2017, p. 47).

Posto isso, a estratégia empregada visava a indicação de um líder tribal ou popular para ser governador da região, sobre a qual estes detinham algum nível de influência (HOOKS, 1996, p. 20). Essa nova política favoreceu para a organização social interna dos curdos, dado que estes puderam governar o território que ocupavam dentro do país. A região habitada pelo povo curdo no Iraque, como destaca Wanche (2002, p. 17), “represents a critical feature of the military geography, which is intertwined with political activities, considering the paramilitary character of traditional Kurdish politics”¹². Por conseguinte, o lugar onde os curdos se fixaram ajudou a moldar sua identidade, na medida que se encontra em meio a montanhas inacessíveis (por meio das quais, mais tarde, os *Peshmergas* atuariam com suas táticas de guerrilha contra os inimigos) e se estende até o plano fértil de onde os curdos garantem sua subsistência.

Vale a pena salientar que o território curdo se divide entre três províncias: Dohuk, Arbil e Suleimânia (DADPARVAR, 2013), como mostra a figura 3 abaixo. Dessa forma, observa-se que a área atual ocupada pelos curdos engloba uma região na qual existe completa autonomia do governo curdo, outra área que apenas está sobre o controle curdo e outra área que é reivindicada pelo governo curdo como sendo pertencente ao seu território.

Figura 3 – Mapa do Curdistão do Iraque



Fonte: Dörrbecker (2008).

¹² Representa uma característica crítica da geografia militar, que está entrelaçada com atividades políticas, considerando o caráter paramilitar da política curda tradicional (Tradução Livre).

Dentre as áreas que estão sobre o controle do Curdistão iraquiano, o Vilayet de Mossul merece ser ressaltado devido a sua grande importância econômica, que já foi motivo de disputa entre turcos e iraquianos, com o Conselho da Liga das Nações decidindo anexá-la ao Estado do Iraque, em 1926. O fato dos curdos deterem o controle dessa região garante aos mesmos o poder de explorar os recursos naturais, a exemplo do petróleo, o que só aumenta a autonomia desse povo em relação ao governo central, pois, ao proporcionar o desenvolvimento local, os curdos passam a não depender de auxílio governamental para sobreviverem (PEIXINHO, 2010).

Dentro dessa perspectiva, os britânicos que eram os mandatários sobre o Estado do Iraque, delegaram o controle da região do Vilayet de Mossul ao Xeiqum Mahmud Barzinji, para que pudessem se beneficiar das riquezas naturais que estavam sendo exploradas. Nesse sentido, “London aimed to set up autonomous or semi-autonomous Kurdish regions that were to be loosely attached to the central Iraqi administration”¹³ (WANCHE, 2002, p. 22). Entretanto, a estratégia britânica de indicar um líder para conseguir manter o controle sobre a região foi ineficaz na medida que Barzinji se auto intitulou como “Rei do Curdistão”, iniciando uma revolta contra o poder britânico (NASCIMENTO, 2017). Não obstante, a Força Aérea Britânica acabou por suprimir a revolta antes que essa alcançasse maiores proporções (GUNTER, 2011, p. 14 *apud* NASCIMENTO, 2017, p. 47).

O mandato britânico na região foi encerrado apenas no ano de 1932, quando o Iraque conseguiu adquirir sua independência. Dentro desse contexto, o governo iraquiano que assumiu o poder do Estado passou a perseguir os curdos que habitavam no território nacional. Em meio as opressões, os curdos começaram um período de revoltas que marcou o nascimento do movimento nacionalista no Curdistão iraquiano (WANCHE, 2002). Vale salientar a existência de um movimento nacionalista curdo nas outras partes do Curdistão, porém devido as particularidades de cada região, não é possível falar de um movimento nacionalista unificado (NASCIMENTO, 2017). Assim, apesar dos curdos sofrerem com o mesmo problema, qual seja, a opressão por parte dos seus respectivos governos centrais, cada grupo nacionalista tem suas próprias reivindicações sobre como superar a situação.

Como já referenciado anteriormente, os curdos iraquianos não estavam unidos sobre a figura de um único líder e, da mesma forma, o movimento nacionalista também não possuía um caráter centralizado. A unificação do movimento nacionalista curdo no Iraque aconteceu

¹³ Londres pretendia estabelecer regiões curdas autônomas ou semiautônomas que deveriam ser vagamente ligadas à administração central iraquiana (Tradução Livre).

por meio da figura de Mulla Mustafa Barzani. A importância de Barzani não está relacionada apenas às revoltas que o mesmo incitou, mas ao fato de aliar atributos de um líder secular sem perder as características religiosas e carismáticas (McDOWALL, 1991 *apud* PEIXINHO, 2010, p. 55). Ele também foi o criador e líder do Partido Democrático do Curdistão (KDP) e, através do emprego de técnicas de guerrilha, conseguiu forçar negociações com o governo central para que a manutenção da autonomia do povo curdo em relação a Bagdá fosse garantida, visto a crescente opressão aos curdos (WANCHE, 2002).

Não obstante, durante a década de 1970, houve a implementação de políticas de *arabização* e assimilação¹⁴ por parte do governo central, “com intuito de unificar todas as etnias que habitavam o local, visando fortalecer a unidade do Estado iraquiano” (ROMANO, 2006, p. 186-187 *apud* NASCIMENTO, 2017, p. 47). Ainda, Silva *et al* (2017, p. 6) aponta outro objetivo do governo iraquiano de “suprimir a identidade e presença curda nos seus territórios”. Por conseguinte, essa atitude apenas provocou uma intensificação do movimento nacionalista curdo que estava acontecendo na região, como pode ser evidenciado pela eclosão das revoltas do Sheikh Mahmud, do Sheikh Ahmad e da República de Mahabad. Não obstante todas essas revoltas terem sido reprimidas pelos governos, com o ápice sendo o genocídio do povo curdo pelo Estado do Iraque através da Operação Anfal, durante os anos de 1987 e 1989 (WANCHE, 2002).

Dentre essas revoltas supramencionadas, duas merecem maior destaque: a República de Mahabad e a Operação Anfal. No primeiro caso, a consequência das políticas de *arabização* foi traduzida na migração forçada de muitos curdos para outros países do Oriente Médio. Barzani e os guerrilheiros do *Peshmerga*, por exemplo, se deslocaram para o Curdistão do Irã onde estabeleceram, em 1946, a República de Mahabad, na cidade de mesmo nome. Ao final, a república instaurada não se sustentou e o governo do Irã acabou por assumir o controle da região, após uma intervenção militar (PEIXINHO, 2010). A Operação Anfal, por outro lado, teve como liderança a figura política de Saddam Hussein. Este subiu ao poder dentro do Arab Baath Socialist Party, partido cujo meio de ascensão ao poder foi um golpe militar (WANCHE, 2002).

Assim, com a intensificação das políticas do pan-arabismo, a opressão contra o povo curdo chegou a níveis desumanos. O Baath tinha uma base ideologia própria, não obstante, quando Hussein chegou ao poder as bases dessa ideologia mudaram para se encaixar a sua visão política. Comprovando, como Morad (*apud* WANCHE, 2002, p. 24) enfatizava,

¹⁴ É importante mencionar que, as políticas de *arabização* e assimilação foram implementadas no Curdistão da Síria e do Iraque pelo mesmo partido, o Baath (STOKES, 2009, p. 387 *apud* SILVA *et al*, 2017, p. 6).

“ideology is subordinated to the style of leadership”¹⁵ (MORAD, 1992, p. 125). Assim, no contexto da Guerra Irã-Iraque (1980-1988), a qual contou com o auxílio dos guerrilheiros do *Peshmerga* em favor dos iranianos, em razão da oposição ao governo de Saddam Hussein, ocorreu a tentativa de limpeza étnica dos curdos do território iraquiano (NASCIMENTO, 2017). Em seu desejo de “limpar” o país dos curdos, Hussein lançou uma ofensiva denominada Operação Anfal. Esta operação se utilizou de armas químicas para a realização de seus ataques contra a população curda, o que de acordo com a Convenção da ONU sobre Genocídio¹⁶ é considerado crime. Nesse sentido, Wanhe (2002, p. 39) ainda chama atenção para o fato de que,

Human tragedy aside, in the perspective of political economy, this policy strikes the observer as being completely irrational. At enormous costs the country destroyed its own major source of foodstuffs, resulting in the previously self-sufficient Iraq being forced to import large amounts of food¹⁷.

Para além disso, a Guerra do Golfo também foi utilizada por Saddam Hussein na tentativa de empregar uma limpeza étnica na cidade de Kirkur – região do Iraque habitada pelos curdos e rica em petróleo (RODRIGUES, 2010, p. 5 *apud* NASCIMENTO, 2017, p. 50). Por intervenção estadunidense, os curdos iraquianos conseguiram sobreviver a mais essa investida do governo central. Não obstante, a forte opressão de Hussein aos curdos acarretou na determinação por parte do Conselho de Segurança da ONU de uma “safe zone” e de uma “no-fly zone” ao território do Curdistão iraquiano, fato que atualmente promove a ação dos *Peshmergas* através da sua estratégia de guerrilha (GUNTER, 2011 *apud* NASCIMENTO, 2017, p. 50).

Essa conjuntura apresentada acima de opressão aos curdos tem relação com a morte de Barzani, em 1979. Após a morte de Barzani, uma divisão ocorreu dentro da sociedade curda iraquiana culminando a criação de outro partido, a União Patriótica Curda (PUK), fundado por Jalal Talabani. O KDP e o PUK tinham visões políticas diferentes e isso acabou enfraquecendo o movimento nacionalista curdo. Dentro do contexto de ascensão de Saddam Hussein, esse enfraquecimento político dos curdos apenas favoreceu as investidas de opressão

¹⁵ Ideologia é subordinada ao estilo de liderança (Tradução Livre).

¹⁶ A Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas declarou em 11 de dezembro de 1946, na Resolução 96 (I), que genocídio é um crime para com o Direito Internacional. E ainda prevê, no art. II, que quaisquer atos cometidos com o intento de aniquilar, a parte ou o todo, de um grupo étnico é considerado genocídio (Convenção para a Prevenção e a Repressão do Crime de Genocídio) (1948). Disponível em: <<http://www.pge.sp.gov.br/centrodeestudos/bibliotecavirtual/instrumentos/genocidio.htm>>

¹⁷ Tragédia humana à parte, na perspectiva da economia política, esta política atinge o observador como sendo completamente irracional. Com enormes custos, o país destruiu sua própria fonte importante de alimentos, o que resultou na obrigatoriedade de o Iraque anteriormente autossuficiente de ter que importar grandes quantidades de alimentos (Tradução Livre).

do governo, a exemplo da Operação Anfal (NASCIMENTO, 2017). Não obstante, os partidos tentaram colocar de lado suas desavenças em favor de criar uma Frente Nacional de Oposição Iraquiana, no ano de 1987. Para além disso, também visavam a unificação das forças militares do *Peshmerga* (PEIXINHO, 2010, p. 80). Em 1990, o KDP e o PUK voltam a ter discordâncias, chegando ao ponto de quase entrar numa guerra civil; porém, os EUA intervieram antes que a situação piorasse (GUNTER, 2011, p. 15 *apud* NASCIMENTO, 2017, p. 49).

Ademais, as políticas de *arabização* de Hussein também desencadearam outros tipos de acontecimentos. Conforme a opressão foi intensificada, as mulheres curdas do Iraque perceberam a importância do seu papel na sociedade e, com isso, veio o desejo de participar mais ativamente do movimento nacionalista curdo iraquiano. Desde os anos 1960, mulheres já estavam ingressando no *Peshmerga*, porém, por causa da *arabização* o número foi intensificado e mais mulheres se tornaram guerrilheiras. Não obstante, Stokes (*apud* NASCIMENTO, 2017, p. 50) ressalta para o fato de que durante esse período, os guerrilheiros e guerrilheiras do *Peshmerga* atuavam apenas na defesa dos civis.

A mudança na atuação dos *Peshmergas* aconteceu após a invasão ao Iraque em 2003 pelos EUA, com o pressuposto de assegurar a apreensão de armas de destruição em massa – nunca encontradas – e capturar Saddam Hussein. Assim, a queda de Saddam Hussein como líder do governo formou um vácuo de poder que acarretou no desenvolvimento exponencial das disputas étnico-religiosas, levando o Iraque ao quase colapso. Dessa forma, o que antes era um Estado de maioria xiita sob o controle dos sunitas baathistas, hoje, encontra-se dividido em duas partes. Pelo Norte o controle recai sobre o Estado Islâmico e as milícias curdas, e nas demais regiões do país o controle está nas mãos das forças iraquianas regulares e das milícias xiitas; ambos os lados tentam conter o avanço alheio (NUNES, 2015).

O Curdistão do Iraque encontra-se exatamente ao Norte do país, região na qual o EI declarou como pertencente ao seu califado. Portanto, atualmente a luta central dos *Peshmergas* é contra as investidas do EI ao seu território e a sua população. Sendo a partir desse contexto que houve um maior incentivo para a atuação feminina dentro do exército. Nessa perspectiva, a próxima seção irá abarcar a atuação das guerrilheiras curdas diante desse combate, contra os *jihadistas*¹⁸, afim de analisar a participação das mulheres na esfera militar dentro a sociedade curda iraquiana.

¹⁸ Termo utilizado para denominar os fundamentalistas islâmicos que promovem o terror (SILVA *et al*, 2017)

4 AS GUERRILHEIRAS CURDAS DO PESHMERGA

As crises políticas internas e a intervenção estadunidense no território do Iraque ocasionaram no surgimento do grupo terrorista Estado Islâmico. Não obstante, o EI não está limitado apenas ao estado do Iraque, na medida em que se abrangeu também para o estado da Síria, e em ambos os casos afetando diretamente a população curda local. Posto isso, o ingresso das mulheres no exército, a fim de defender o território e a população, não foi específico ao Curdistão do Iraque. A denominação “guerrilheiras curdas” serve para referenciar todas as mulheres curdas que participam como guerrilheiras em algum grupo militar, independentemente de qual seja. É importante ressaltar ainda que cada região do Curdistão tem sua própria estrutura política e militar, como pode ser observado na figura 4 abaixo.

Figura 4 – Guia para as principais estruturas de poder político e militar curdas



sarabiany.com 8.14.14 (V2 edited 8.15.15)

Fonte: GORMAN (2017).

Como o trabalho tem por foco o caso específico do Curdistão do Iraque, serão analisadas apenas as guerrilheiras curdas do *Peshmerga*. Não obstante, é importante salientar para a atuação das guerrilheiras curdas sírias da Unidade de Defesa da Mulher (YPJ)¹⁹ dado que estas também combatem o EI, porém, no Curdistão da Síria. Destarte, a seção em questão irá adentrar na atuação das mulheres do grupo militar curdo iraquiano, dentro do contexto de guerra contra o EI, afim de analisar a participação destas guerrilheiras na sociedade curda do Iraque.

O contexto para a inserção das mulheres, de forma mais intensa, no exército curdo ocorreu após a invasão do Iraque pelos EUA, no ano de 2003. Na sequência de eventos posteriores a esse acontecimento, o país acabou sofrendo uma cisão interna, pois, a queda Saddam Hussein gerou um vácuo de poder. Assim, o Iraque foi dividido com a região Norte recaindo sobre as mãos do EI e das milícias curdas, e as outras partes ficando com as forças iraquianas regulares e com as milícias xiitas (NUNES, 2015). Mesmo com esse tumulto interno, o Curdistão iraquiano conseguiu manter a autonomia da região em que habita e, a partir disso, formar o Governo Regional do Curdistão (KRG), com a liderança do presidente Massoud Barzani (NASCIMENTO, 2017). Não obstante, visto que ambos os curdos e os *jihadistas* do EI reivindicavam o controle da região Norte, os confrontamentos com o propósito de barrar o avanço alheio se tornaram inevitáveis (NUNES, 2015).

É importante mencionar brevemente que o surgimento do EI advém do desejo de purificação do Islã, por meio da retomada da tradição do período do profeta Maomé que foi interrompida devido a influência ocidental na região. O reestabelecimento do califado ocorreria através do *jihad* que se caracteriza pela “luta em defesa da fé muçulmana podendo ser de natureza espiritual ou militar” (NUNES, 2015, p. 56). O caráter extremista, cuja premissa maior afirmava que o verdadeiro muçulmano afim de atingir seu objetivo deveria pagar com a própria vida se necessário, só foi implementado posteriormente. Essa conduta mais agressiva do EI está diretamente relacionada à busca por soberania territorial (NUNES, 2015).

O território autoproclamado pelo EI como pertencente ao seu califado abrange uma grande parte da região do Curdistão, especificamente os localizados na Síria e no Iraque. Nesse sentido, a estratégia utilizada pelos *jihadistas* para garantir a contínua expansão do seu califado é através da perseguição ao povo curdo por meio de assassinatos, estupros, sequestros

¹⁹ Essa distinção se faz importante pois como o EI surgiu em ambos Iraque e Síria, existe um outro grupo de guerrilheiras curdas que lutam contra os *jihadistas*. As guerrilheiras curdas da Síria pertencem ao grupo militar formado exclusivamente por mulheres denominado YPJ (Unidade de Defesa da Mulher), que é uma ramificação do YPG (Unidade de Defesa do Povo) (NASCIMENTO, 2017).

de meninas e mulheres para fins de escravidão sexual (ESFANDIARI; HEIDEMAN, 2015), ataques suicidas, minas terrestres, bombardeios (LORTZ, 2005).

Além disso, outra motivação para os ataques ao povo curdo em seu território está relacionada à abundância de petróleo que existe na região, já que, o EI utiliza a exploração desse recurso mineral para garantir o financiamento do grupo (NUNES, 2015). Não obstante, também existe a justificativa de que uma parte dos curdos não seguem o Islã como pretexto para a perseguição; dentro desse contexto, os Yazidis foram os mais afetados com mais de 10.000 pessoas pertencentes a esse grupo religioso perdendo suas vidas em um massacre realizado pelo EI (NASCIMENTO, 2017).

A dificuldade em combater os *jihadistas* islâmicos está atrelada aos métodos que os mesmos utilizam para seus ataques. Pois, torna-se difícil lutar contra um inimigo que está mais bem preparado e que não tem medo da morte (LORTZ, 2005). O papel das guerrilheiras curdas do Peshmerga é fundamental nesse sentido visto que, como atenta Nunes (2015), os combatentes do EI entendem como uma grande ofensa a morte em batalha nas mãos de uma mulher, posto que estariam assim sendo negados a entrada no paraíso prometido; com as 72 virgens em forma de recompensa por terem morrido pela causa²⁰. Dentro dessa conjuntura o grupo de guerrilheiras curdas do *Peshmerga* entra em ação a fim de defender o seu território e sua população dos ataques realizados pelas forças inimigas.

O exército curdo representa uma força independente, não estando associado ao exército iraquiano estatal. Por vezes o KRG fez questão de afirmar a distinção entre o exército curdo iraquiano (*Peshmerga*) e o exército iraquiano (SMITH, 2018). Assim sendo, este é composto tanto por homens quanto por mulheres e estima-se que seu contingente varie entre 50.000 a 190.000 tropas. Os *Peshmergas* são considerados “one of the most experienced and battle-hardened paramilitary forces in the world”²¹ (GORMAN, 2017, p. 42). Dentro do número total, existem aproximadamente 1.700 mulheres alistadas, com a divisão das unidades para o *front* de batalha podendo ser mistas ou não. Como salienta Gorman (2017, p. 43),

There are units in which men and women participate in combat and fight alongside one another. This intermixing does not appear to hinder any operations, instead it appears to enhance them, and encourage gender equality in the ranks, and within the Kurdish culture in Iraq itself²².

²⁰ De acordo com Silva *et al* (2017, p. 10), essa promessa pregada aos *jihadistas* islâmicos provém da interpretação feita por um segmento específico da religião islâmica, a qual é seguida pelos membros do EI.

²¹ Uma das forças paramilitares mais experientes e endurecidas pelas batalhas no mundo (Tradução Livre).

²² Existem unidades nas quais homens e mulheres participam de combates e lutam lado a lado. Essa mistura não parece impedir qualquer operação, ao contrário, parece melhorá-las e encorajar a igualdade de gênero nas fileiras, e dentro da cultura curda no próprio Iraque (Tradução Livre).

Entretanto, em uma entrevista realizada com um ex-membro do exército curdo, Nascimento (2017) relatou números diferentes destes apresentados acima. Com o contingente total chegando a 200.000 guerrilheiros, e a porção das mulheres ficando em torno de 10 a 12 mil guerrilheiras. Dessa forma, é possível perceber as disparidades existentes nos relatórios sobre a quantidade de membros do grupo militar. Mas, em se tratando dos curdos isso não é surpreendente pois até na determinação populacional de curdos nos diversos países do Oriente Médio há disparidades nos números, visto que os governos centrais não realizam uma contabilização apurada (PEIXINHO, 2010). No mais, isso também poderia ser visto como uma estratégia dos *Peshmergas*, já que a incerteza do número real de guerrilheiros atrapalha os preparativos do EI para suas ações ofensivas.

Vale a pena ressaltar que, a presença feminina no campo militar é histórica, como evidencia Keli (2011, p. 9) ao indicar que “during early Kurdish dynasties, women were used for fighting and in the military”²³, apesar de tal prática não ter sido usual nas épocas mais antigas. Como mencionado na seção anterior, o ingresso de mulheres no *Peshmerga* começou por volta dos anos 1960, porém, no ano de 1996, foi estabelecido o primeiro batalhão apenas com mulheres. As pioneiras desse empreendimento receberam um tipo de treinamento que ia além de táticas militares e estratégia, mas aliavam também o ensino de matemática, ciência da computação e história (LORTZ, 2005, p. 70). Uma dessas pioneiras, que serviu de exemplo para outras mulheres se alistarem no exército foi, Hero Ibrahim Ahmad esposa do líder político Jalal Talabani, fundador do PUK (GORMAN, 2017). Esse tipo de preparação focando em áreas que vão além de questões militares é refletido na forma como as guerrilheiras do *Peshmerga* atuam nos dias de hoje, utilizando inteligência e planejamento para a defesa do território curdo iraquiano (SILVA *et al*, 2017).

Como Gorman (2017, p. 44) também expõe,

The military has a history of promoting gender equality and breaking stereotypes. While many women go into teaching or administrative positions, the Iraqi Peshmerga security forces have always provided an environment where women could excel in the same environment as their male counterparts, and be rewarded for it²⁴.

Nesse sentido, é importante notar que enquanto as guerrilheiras curdas têm a oportunidade de prosperarem dentro de um ambiente militar, a situação das mulheres na

²³ Durante as primeiras dinastias curdas, as mulheres eram usadas para lutar e nas forças armadas (Tradução Livre).

²⁴ As forças armadas têm uma história de promover a igualdade de gênero e quebrar estereótipos. Enquanto muitas mulheres ingressam em cargos de ensino ou administrativos, as forças de segurança dos Peshmergas iraquianos sempre proporcionaram um ambiente em que as mulheres podiam se destacar no mesmo ambiente que seus pares do sexo masculino e serem recompensadas por isso (Tradução Livre).

sociedade curda em si é semelhante à de outras mulheres que habitam a região do Oriente Médio. Pois, a base da sociedade curda ainda é patriarcalista²⁵ e, com isso, mantém-se a perpetuação de tradições culturais que acabam por estabelecer uma imagem da mulher como frágil, associada a atividades domésticas, maternais e matrimoniais (NASCIMENTO, 2017).

Para além disso, Gorman (2017) chama a atenção ao fato das guerrilheiras curdas do Iraque serem diferentes das outras guerrilheiras curdas, na medida em que, a aceitação por parte da população acerca da participação dessas mulheres no exército apenas se tornou ampla recentemente devido, primordialmente, ao combate do EI. Visto que, “fighting the Islamic State is considered a total social and cultural war, where everyone needs to participate, and women have proven themselves on the frontlines”²⁶ (GORMAN, 2017, p. 45).

Não obstante, a visão das mulheres como parte mais “vulnerável” da população curda ainda está arraigada nos *jihadistas* do EI e é percebida na forma como estes tratam essa porção feminina em seus ataques. A arma de guerra utilizada para atingir as mulheres é o estupro em massa, além da captura para fins de venda no mercado como escravas sexuais (SILVA *et al*, 2017). Isso incitou o interesse das mulheres para o ingresso no *Peshmerga*, até mesmo de mulheres que foram vítimas do EI (NASCIMENTO, 2017). Um dos exemplos disso são as mulheres curdas pertencentes ao grupo religioso dos Yazidis que, após terem sofrido com as brutalidades do EI, formaram uma milícia feminina chamada “Force of the Sun Ladies” a fim de combater as forças do inimigas (GORMAN, 2017, p. 51). Dessa forma, elas estariam mostrando que são capazes de se defenderem, ao mesmo tempo em que ajudam a quebrar a ideia de “sexo frágil” (NASCIMENTO, 2017).

O papel que as guerrilheiras curdas do *Peshmerga* desempenham na sociedade, nesse sentido, vai além do combate ao EI. A partir do momento em que é propiciada a abertura para a inserção do debate acerca do papel da mulher dentro da própria sociedade, é possível então repensar as estruturas sociais que foram estabelecidas a partir de visões patriarcais do mundo. Por esse motivo, o tema em questão passa a contribuir também para estudo do feminismo dentro do campo das Relações Internacionais (RI), pois, a análise do caso das guerrilheiras curdas do *Peshmerga* evidencia como a mulher pode contribuir para a sociedade, a partir do momento em que é dada abertura para tal.

²⁵ Apesar da sociedade curda ser patriarcalista, um fenômeno digno de menção é o que acontece quando o chefe da família morre. Pois, nessa instância é comum a matriarca assumir o papel pertencente ao falecido (IZADY, 1992, p. 195 *apud* KELI, 2011, p. 10).

²⁶ A luta contra o Estado Islâmico é considerada uma guerra social e cultural total, onde todos precisam participar, e as mulheres têm se mostrado na linha de frente (Tradução Livre).

Desde o surgimento e inserção dos estudos feministas em RI, no final dos anos 1980 e início dos anos 1990, a discussão sobre as relações de poder, as estruturas opressoras e o papel da mulher na sociedade entraram em pauta (TICKNER; SJOBERG, 2013). As conquistas obtidas pelas primeiras vertentes feministas – liberal, radical, psicanalítica, marxista, pós-estruturalista/pós-moderna –, no sentido de luta contra o patriarcalismo é inquestionável (CÀLAS; SMIRCICH, 2006). Entretanto, o que todas essas vertentes têm em comum é sua análise do mundo a partir de uma visão ocidental hegemônica (TICKNER, 2001, p. 18-9 *apud* NASCIMENTO, 2017, p. 19).

Apenas com o advento dos feminismos pós-colonial e islâmico é que essa lacuna dentro dos estudos feministas passa a ser preenchida, pois agora foi dado lugar de fala as mulheres que se encontram fora da esfera ocidentalista hegemônica. Posto que, mesmo a opressão sendo um problema comum a todas as mulheres, as particularidades e reivindicações de cada grupo não serão as mesmas; a opressão que uma mulher negra de classe baixa sofre não é a mesma que uma mulher branca de classe alta (TICKNER; SJOBERG, 2013) e a interpretação ocidental do que é autonomia e agência não necessariamente será a mesma para as mulheres orientais (SALEM, 2013).

Nesse sentido, as guerrilheiras curdas do *Peshmerga*, apesar de não terem formulado uma teoria feminista própria que se adeque as suas particularidades e contemplem suas próprias reivindicações, estão realizando através de ações práticas um trabalho que contribui para mudar a estrutura patriarcalista que ainda impera sobre a sociedade curda. À luz de uma análise feminista construtivista, é possível também observar o papel das guerrilheiras curdas na desconstrução dos estereótipos associados as mulheres de fragilidade, emotividade e passividade, ao se tornarem agentes ativos do conflito (NASCIMENTO, 2017). Pois, dentro de uma visão tradicional das RI, assuntos relacionados ao Estado, a segurança e a guerra eram atribuídos diretamente a noções masculinizadas (MONTE, 2010). Ademais, a esfera militar proporciona ainda o espaço para que elas tenham voz ativa para lutarem pelos seus direitos.

A partir dessas informações pode-se inferir que, o contexto de combate ao EI promoveu o ingresso de mulheres no exército de forma mais significativa. Com a participação feminina no grupo militar passando a ser mais amplamente aceita pela sociedade curda devido ao caráter social e cultural da guerra (GORMAN, 2017). Com isso, o papel das guerrilheiras curdas do *Peshmerga* ultrapassou o âmbito militar de proteção populacional e defesa territorial, alcançando também fatores ligados a desconstrução da visão patriarcal tão fortemente arraigada na cultura curda iraquiana. Tal fato mostra a importância do tema para as RI, visto que abrange a questão do conflito em si, como também inicia o debate acerca da

atuação destas guerrilheiras curdas para fins de rompimento da cultura patriarcal vigente na sociedade do Curdistão do Iraque.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Curdistão representa todo aquele território ocupado pela etnia curda no Oriente Médio, não se configurando como um Estado ou como uma entidade política definida. Dessa forma, transpõe as fronteiras de diversos países como a Turquia, a Síria, o Iraque, o Irã, o Azerbaijão e a Arménia. A formação da identidade do povo curdo foi estabelecida desde a Antiguidade, assim como as táticas de guerrilha que hoje em dia são utilizadas pelo exército curdo, no combate ao Estado Islâmico. Não obstante, cada parte do Curdistão tem suas próprias particularidades e reivindicações e, em decorrência do foco da pesquisa em questão, o enfoque maior foi dado ao caso do Curdistão do Iraque.

Por meio do estudo específico sobre Curdistão do Iraque, observou-se como essa região conseguiu manter sua autonomia em relação ao governo central iraquiano ao longo dos anos. Além disso, verificou-se que os curdos do Curdistão iraquiano sofreram com muitas opressões e massacres a sua população, devido as políticas de *arabização* e assimilação implementadas pelo partido Baath. A posterior ascensão de Saddam Hussein ao poder apenas intensificou os ataques aos curdos e, nesse cenário, os guerrilheiros do *Peshmerga* lutaram pela proteção da população curda iraquiana.

Apesar da existência de mulheres no exército curdo durante o período supramencionado, a atuação das guerrilheiras curdas no *Peshmerga* ganhou maior destaque a partir do contexto de combate ao EI. Visto que a sociedade é patriarcal, a participação das mulheres no setor militar não era amplamente aceita, porém, pelo caráter social e cultural da guerra contra o EI, houve uma maior aceitação por parte da população para o ingresso de mulheres no exército.

O conflito entre *jihadistas* islâmicos e curdos iraquianos começou devido ao fato de ambos reivindicarem o controle do mesmo território. Com o início dos ataques por parte do grupo terrorista, a parcela da população curda que mais sentiu os impactos foi a feminina. Devido ao fato, principalmente, de muitas meninas e mulheres terem sido vendidas como escravas para o mercado sexual ou terem sido vítimas de estupros coletivos. Dentro desse contexto, as mulheres começaram a ingressar no exército curdo a fim de protegerem a população e o território. E visto que os *jihadistas* acreditavam que a morte em batalha provocada por uma mulher significaria que estes perderiam a regalia prometida a todos os

combatentes que lutam pela causa, tal seja, a entrada no paraíso com suas 72 virgens, a participação das mulheres no *Peshmerga* foi utilizada como estratégia para combater a ameaça dos inimigos do EI.

Destarte, um estudo mais aprofundado acerca da atuação das guerrilheiras curdas na sociedade do Curdistão iraquiano, dentro do contexto de combate ao EI, não foi possível devida a escassez de literatura sobre o assunto, visto que esse é um tema novo nas Relações Internacionais. Não obstante, a análise do caso mostrou a importância que a participação dessas mulheres tem para a sociedade curda iraquiana, no sentido de enfrentamento do EI e no início do debate sobre a desconstrução das questões de gênero existentes. Pois, com o incentivo para a igualdade de gênero dentro do exército curdo iraquiano, as guerrilheiras curdas ganharam voz ativa na esfera militar, e também passaram a ser um agente ativo no conflito. Dessa forma, subverteram a visão de agentes passivos e frágeis que necessitam da proteção dos homens – que via de regra são os agentes ativos nos conflitos.

THE KURDISH FEMALE FIGHTERS OF *PESHMERGA* AND THE FIGHT AGAINST THE ISLAMIC STATE

ABSTRACT

The participation of women as female fighters in the Iraqi Kurdish army, called *Peshmerga*, was intensified due to the conflict against the Islamic State. For, as the social structure that permeates Kurdish society is patriarchal, the entry of women into the military sector prior to this juncture was not widely accepted. However, with the EI war, there was greater acceptance by the population, given its cultural and social character. In this way, the present work aims to analyze the actions of the Kurdish female fighters of *Peshmerga*, in the context of the fight against the EI, within the Iraqi Kurdish society. From this, the specific objectives are firstly to (i) explain what Kurdistan is, tracing the history and identity formation of the Kurdish people; (ii) to enter into the specific case of Iraqi Kurdistan, since it is in this region where the Kurdish female fighters of *Peshmerga* are inserted; and (iii) to analyze the insertion of women into the Iraqi Kurdish army, a fact which has contributed to the deconstruction of gender stereotypes as they become active agents in the conflict. Thus, the research is exploratory, carried out through a limited bibliographical survey, considering the lack of research in this area, and a qualitative methodological approach. Thus, it was possible to carry out a brief study on the participation of the Kurdish female fighters within the conflict against the Islamic State.

Keywords: Iraqi Kurdistan. Kurdish female fighters. *Peshmerga*. Islamic State.

REFERÊNCIAS

ALLISON, Christine. **The Yezidi Oral Tradition in Iraqi Kurdistan**. Grã Bretanha: Curzon Press. 2001.

BUARQUE, Beatriz. The Violence Against Yezidi Women: The Islamic State's Sexual Slavery System. **Malala**, v. 4, n. 6, p. 43-56, 2016.

CÀLAS, B.; SMIRCICH, L. Do Ponto de Vista da Mulher: Abordagens Feministas em Estudos Organizacionais. In: CLEGG, S. R.; HARDY, C. e NORD, W.R. (org.). **Handbook de Estudos Organizacionais – Modelos de Análise e Novas Questões em Estudos Organizacionais**. São Paulo: Editora Atlas, 2006.

DADPARVAR, Shabnam. Women in Iraqi Kurdistan: Opportunities and Constraints. **International Relations and Diplomacy**, v. 1, n. 2, p. 146-160, nov. 2013.

DÖRRBECKER, Maximilian. **Map of the Autonomous Region Kurdistan**. 2008.

Disponível em:

<https://pt.wikipedia.org/wiki/Curdist%C3%A3o_iraquiano#/media/File:Autonomous_Region_Kurdistan-en.png>. Acesso em: 20 mai. 2018.

ESFANDIARI, Haleh; HEIDEMAN, Kendra. The Role and Status of Women after the Arab Uprisings. In: OBSERVATORI DE POLÍTÍQUES EUROMEDITERRÀNIES, Mediterranean Yearbook Med. 2015. Disponível em: <http://www.iemed.org/observatori/arees-danalisi/arxius-adjunts/anuari/med.2015/IEMed%20Yearbook%202015_Panorama_WomenAfterArabUprisings_HalehEsfandiariKendraHeideman.pdf>. Acesso em: 11 mai. 2018.

GORMAN, Shawn E. **Are Female Counterinsurgency Units Effective? A Case Study of The Female Kurdish Militias of Iraq and Syria**. Washington: Georgetown University, 2017. Disponível em:

<https://repository.library.georgetown.edu/bitstream/handle/10822/1043902/Gorman_georgetown_0076M_13622.pdf?sequence=1>. Acesso em: 11 mai. 2018.

HOOKS, Elizabeth R. **Kurdish nationalism: American interests and policy options**. Monterey: Naval Postgraduate School, 1996. Disponível em: <

https://calhoun.nps.edu/bitstream/handle/10945/31990/96Dec_Hooks.pdf?sequence=1>. Acesso em: 11 mai. 2018.

KELI, Haje. **Limiting polygyny in Iraqi Kurdistan: A study on different views of women regarding the amendment of the personal status law**. Oslo: University of Oslo, 2011.

Disponível em:

<https://www.duo.uio.no/bitstream/handle/10852/23917/Keli_Master.pdf?sequence=2>. Acesso em: 11 mai. 2018.

LEWIS, Robert P. **Prospects For An Independent Kurdistan?** Monterey: Naval Postgraduate School, 2008. Disponível em: https://calhoun.nps.edu/bitstream/handle/10945/4208/08Mar_Lewis.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 05 abri. 2018.

LORTZ, Michael G. **Willing to Face Death: A History of Kurdish Military Forces – the Peshmerga – from the Ottoman Empire to Present-Day Iraq.** Tallahassee: The Florida State University, 2005. Disponível em: <<https://fsu.digital.flvc.org/islandora/object/fsu:175614/datastream/PDF/view>>. Acesso em: 05 abri. 2018.

MCDOWALL, David. **A Modern History of The Kurds.** Londres: I. B. Tauris & Co Ltd, 2004.

MONTE, Izadora Xavier do. **Gênero e Relações Internacionais: Uma crítica ao discurso tradicional de segurança.** Brasília: Universidade de Brasília, 2010.

NASCIMENTO, Mariana Ribeiro do. **Jinwar: A Guerra das Guerrilheiras Curdas em Três Fronts: gênero, Estado Islâmico e a Revolução de Rojava.** Recife: Faculdade Damas de Instrução Cristã, 2017. Disponível em: <<http://faculdadedamas.edu.br/revistafd/index.php/academico/article/download/542/477>>. Acesso em: 25 mar. 2017.

NUNES, André Figueiredo. Estado Islâmico: Restauração do califado e instabilidade no Oriente médio. **Revista Cadernos de Estudos Sociais e Políticos**, v.4, n.7, p. 54-77, jan-jun. 2015.

ÖCALAN, Abdullah. **Guerra e paz no Curdistão: Perspectivas para uma solução política da questão curda.** Colônia: International Initiative, 2008.

PEIXINHO, Maria de Fátima Amaral Simões. **O Curdistão no Iraque, ensaio de uma Nação: Contexto e Desafios.** Porto: Universidade Fernando Pessoa, 2010. Disponível em: <http://bdigital.ufp.pt/bitstream/10284/2292/3/DM_20744.pdf>. Acesso em: 20 mai. 2017.

SALEM, Sara. Feminist critique and Islamic feminism: the question of intersectionality. **Academic Journal**, v. 1, n. 1, p. 172- , nov. 2013.

SILVA, Antonio Henrique Lucena. *et al.* **As Guerrilheiras Curdas e a Redefinição das Questões de Gênero na Guerra:** o Combate ao Terrorismo do Estado Islâmico no Iraque e na Síria. Recife: Faculdade Damas de Instrução Cristã, 2017. Disponível em: <https://www.defesa.gov.br/arquivos/ensino_e_pesquisa/defesa_academia/cadn/artigos/xiv_cadn/as_guerrilheiras_curdas_e_a_redefinicao_das_questoes_de_genero_na_guerra_o_combate_ao_terrorismo.pdf>. Acesso em: 20 mai. 2017.

SMITH, Crispin. Independent Without Independence: The Iraqi-Kurdish Peshmerga in International Law. **Harvard International Law Journal**, [S.L.], v. 59, n. 1, p. 245-277, 2018. Disponível em: <http://www.harvardilj.org/wp-content/uploads/HLI102_crop-1.pdf>. Acesso em: 11 mai. 2018.

TICKNER, J. Ann; SJOBERG, Laura. Feminism. In: DUNNE, Tim; KURKI, Milja; SMITH, Steve. **International Relations Theories: Discipline and Diversity**. 3. ed. United Kingdom: Oxford University Press, 2013.

VISACRO, Alessandro. **Guerra Irregular:** Terrorismo, guerrilha e movimentos de resistência ao longo da história. São Paulo: Editora Contexto, 2009.

WANCHE, Sophia Isabella. **Identity, nationalism and the state system:** the case of Iraqi Kurdistan, Durham: Durham University, 2002. Disponível em: <<https://core.ac.uk/download/pdf/108899.pdf>>. Acesso em: 11 mai. 2018.

YASSIN, Borhanedin A. **Vision or Reality?** The Kurds in the Policy of the Great powers, 1941-1947. Sweden: Lund University Press, 1995. Disponível em: <<http://www.burhanyassin.com/Vision%20or%20Reality.pdf>>. Acesso em: 11 mai. 2018.